



Por que a luta armada?

ALEJANDRO PEREIRA

PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES (PST) - COLÔMBIA

Vista em perspectiva histórica, a experiência da Brigada Simón Bolívar parece ser um paradoxo, ou pelo menos, contraditória, pois a Fração Bolchevique e o PST combatiam a política e a tática guerrilheiras elevadas a estratégia pelo stalinismo, pelo maoísmo e o guevarismo em vários países da América Latina, começando pela própria Colômbia. No entanto, não há nada de contraditório nessa política que a Liga Internacional dos Trabalhadores e o PST herdaram da Fração Bolchevique e com a qual continuam combatendo ideológica e politicamente as organizações guerrilheiras como as Farc e o ELN, que não levam em conta a situação das massas e suas lutas. A guerrilha colombiana não reconhece, de fato, o papel protagonista das massas na luta revolucionária, e converteu a luta do aparato guerrilheiro numa estratégia fixa, esquemática e supra-histórica. Diferentemente das direções das guerrilhas colombianas, os sandinistas, em seu momento, reconheciam este papel, como se deduz da declaração de Humberto Ortega de que:

É muito difícil tomar o poder sem uma combinação criativa de todas as formas de luta onde quer que possam ter lugar: campo, cidade, povo, bairro, montanha, etc., mas sempre baseadas na ideia de que o movi-

TRADUÇÃO
JOÃO HENRIQUE
GALVÃO

mento de massas é o ponto focal da luta, e não a vanguarda quando as massas se limitam só a apoiá-la.¹

Baseadas nas Revoluções Chinesa de 1949 e Cubana de 1959 floresceram as teorias da guerra de guerrilhas que desprezavam o critério marxista de que a considera uma tática, como mais uma forma de luta. Seus porta-vozes mais conhecidos, entre eles Che Guevara, elevaram-na ao nível de uma estratégia. Para estes teóricos, é a forma de luta privilegiada a ser usada em todo momento e em todos os países e à qual todas as demais devem subordinar-se. Não obstante, essa “elaboração” nada tem de marxista, que parte da mais rigorosa análise da realidade concreta da luta de classes para deduzir sua teoria e política e não de elaborações abstratas, esquemáticas e dogmáticas às quais a realidade é forçada a se encaixar.

A adoção do método marxista é o que explica a aparente contradição da Fração Bolchevique e do PST colombiano que, ao mesmo tempo em que se opunham ao incentivo da luta guerrilheira em países como a Colômbia, organizaram uma brigada para apoiar a luta armada do sandinismo e do povo da Nicarágua. Há trinta anos tal audácia tática foi defendida nos seguintes termos:

A essência do leninismo e do marxismo consiste em não privilegiar uma forma determinada de luta, mas em utilizar todas as formas que a luta de classes desenvolve e impulsiona. As eleições, a guerrilha, a luta armada, a luta democrática, a luta sindical, todas as formas que desenvolvam as lutas das massas servem, à medida que aprofundem sua ação e elevem sua consciência.

Quem diz: “só a guerrilha é admissível”, cai no guerrilheirismo. Quem diz: “só a via eleitoral é admissível”, cai no eleitoralismo. Quem diz: “não há nada mais importante que os sindicatos”, cai no sindicalismo. Todos esses métodos são alheios ao marxismo.

O marxismo é uma combinação incessante dos distintos métodos que se adaptam às etapas concretas pelas quais a luta de classes passa. Daí que o trabalho do partido verdadeiramente revolucionário consiste em combinar as palavras de ordem que mobilizem as massas e as levem à independência frente a burguesia, enfrentando-a para impor o poder dos trabalhadores.²

Embora muitos ativistas e algumas organizações reivindicuem todas as formas de luta, isolam cada uma delas da luta de classes concreta e as generalizam para todas as etapas, e dão, aparentemente, a mesma hierarquia a todas as formas de luta. E assim terminam formulando a “teoria” da “combinação de todas as formas de luta” independentemente do desenvolvimento concreto dos fatos da luta de classes.

Organizações como as Forças Armadas Revolucionárias (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN), da Colômbia, elevaram de tática a estratégia a luta guerrilheira, mantendo-a durante várias décadas acima de sua relação com a luta das massas em cada momento. Os dirigentes das FARC e do ELN “decidiram” que a forma fundamental de luta é a guerra de guerrilhas e que é o único caminho para a tomada do poder. Ao converter a tática de

1 Citado por HARRIS, Richard e VILLAS, Carlos M. *La revolución en Nicaragua*. México: Ediciones Era, 1985

2 *Nicaragua: reforma o revolución*. Tomo I. Recopilação de artigos. Bogotá: 1980

luta guerrilheira em estratégia, terminam executando ações de terrorismo individual, e em muitos casos as vítimas dessas ações são pessoas inocentes, o que lhes produz uma separação ainda maior das massas e oferece argumentos aos governos e à burguesia para desprestigiá-los e reprimir a população. As formas de luta adotadas pelas massas em cada momento pouco lhes interessam, tampouco o programa ou a política que deve ser apresentada para incentivá-las, a partir de seu nível de consciência. Menos ainda lhes interessa a necessidade de construir um partido revolucionário. Para as guerrilhas, em geral, as massas não contam. Nesse sentido, são elitistas. O aspecto central para elas não é a política, mas a guerra, e, além disso, a parte puramente técnica da guerra.

Esse esquema levou muitos dirigentes guerrilheiros a passar do impulso fanático à guerra de guerrilhas como único método ao abraço entusiástico de outros métodos como o eleitoralismo, ao mesmo tempo em que renegavam o método anteriormente praticado. Exemplos existem muitos. A FMLN em El Salvador; os tupamaros no Uruguai; e o M-19, ou o EPL e outras guerrilhas menores na Colômbia. Estas mudanças também obedecem ao fato de terem um programa reformista, um programa para enfrentar o regime político e não o sistema social capitalista.

Em relação à luta armada, em particular, podem-se dar muitas variantes: a insurreição armada, a greve geral organizada com milícias ou comitês de defesa de operários e camponeses, e a guerra de guerrilhas, entre outras. A Revolução Russa de outubro de 1917 triunfou mediante a insurreição armada; igualmente ocorreu com a Revolução Boliviana de 1952. No caso da Nicarágua, a insurreição armada das massas foi combinada com as ações guerrilheiras da Frente Sandinista.

Em síntese, trata-se de descobrir, e não de inventar, qual é a forma de luta mais conveniente adotada pelas massas em um momento determinado, e desenvolver essa forma de luta. Mas para isso é preciso estar aberto, sem ter esquemas ou dogmas.

A guerra de guerrilhas e o marxismo

A guerra de guerrilhas não é um método novo. É tão antigo quanto a própria guerra. Mas deve ficar claro que é um método defensivo. E para o marxismo é um método de luta secundário, um acessório que deve estar submetido à luta das massas. É a luta do fraco contra o forte. É a guerra pequena, como afirmava Trotsky a propósito da guerra de guerrilhas ocorrida em algumas regiões e em alguns casos na guerra civil depois da tomada do poder na Rússia em 1917. A luta guerrilheira está condenada ao fracasso quando não tem apoio das massas. Essa foi a grande diferença entre as guerrilhas da Nicarágua e da Colômbia.

Lênin elaborou, a partir da experiência russa, critérios sobre a adoção das formas de luta. Vejamos, como conclusão, parte de sua análise sobre o tema:

Começemos pelo princípio. Quais são as exigências fundamentais que todo marxista deve apresentar para a análise da questão das formas de luta? Em primeiro lugar, o marxismo distingue-se de todas as formas primitivas do socialismo por não ligar o movimento a uma só forma determinada de luta. O marxismo admite as formas mais diversas de



luta; além disso, não as “inventa”, mas sim generaliza, organiza e torna conscientes as formas de luta das classes revolucionárias que aparecem por si mesmas no transcurso do movimento. O marxismo, totalmente hostil a todas as fórmulas abstratas, a todas as receitas doutrinárias, exige que se preste muita atenção à luta das massas em curso que, com o desenvolvimento do movimento, o crescimento da consciência das massas e a intensificação das crises econômicas e políticas, engendra constantemente novos e cada vez mais diversos métodos de defesa e ataque. Por isso, o marxismo não rechaça categoricamente nenhuma forma de luta. O marxismo não se limita, em nenhum caso, às formas de luta possíveis e existentes só em um momento dado, admitindo a aparição inevitável de novas formas de luta, desconhecidas dos militantes de um período dado, ao mudar a conjuntura social. O marxismo, neste sentido, aprende, se assim se pode dizer, da prática das massas, longe de pretender ensinar às massas formas de luta inventadas por “sistematizadores” de gabinete. Sabemos – dizia, por exemplo, Kautsky, ao examinar as formas da revolução social – que a próxima crise nos trará novas formas de luta que não podemos prever agora.

(...) Diz-se que a guerra de guerrilhas aproxima os vagabundos bêbados e degradados ao proletariado consciente. É certo. Mas disso só se deduz que o partido do proletariado não pode nunca considerar a guerra de guerrilhas como o único, tão sequer como o principal método de luta; que este método deve estar subordinado aos outros, deve ser proporcional aos principais métodos da luta, e deve ser enobrecido pela influência educadora e organizadora do socialismo. Sem esta *última* condição, todos, absolutamente todos os procedimentos de luta, na sociedade burguesa, aproximam o proletariado das diversas camadas não proletárias, situadas acima ou abaixo dele e, se abandonados ao curso espontâneo dos acontecimentos, desgastam-se, pervertem-se, prostituem-se. As greves, abandonadas ao sentido espontâneo dos acontecimentos, degeneram em *alliances* - em acordos entre operários e patrões *contra* os consumidores. O parlamento degenera em um bordel, onde um bando de politiqueiros burgueses comercializa no varejo e no atacado a “liberdade popular”, o “liberalismo”, a “democracia”, o republicanismo, o anticlericalismo, o socialismo e demais mercadorias procuradas. A imprensa transforma-se em fofoqueira barata, em instrumento de corrupção das massas, da bajulação grosseira dos baixos instintos da multidão, e assim por diante. A social-democracia não conhece métodos universais de luta que separem o proletariado das camadas situadas um pouco mais acima ou um pouco mais abaixo dele por uma muralha da China. A social-democracia emprega, em diferentes épocas, diversos procedimentos, *sempre* considerando condições ideológicas e de organização rigorosamente determinadas para sua aplicação.³

Como se pode apreciar, a Brigada Simón Bolívar não fez mais que aplicar a teoria do marxismo referente às formas de luta. Descobriu que o método da luta guerrilheira estava sendo assumido pelas massas, que era necessário impulsionar sua generalização e adotá-lo para derrubar a ditadura de Somoza.

3 LÊNIN. *Guerra de guerrillas*. Obras completas, Tomo XI. Buenos Aires: Editorial Cartago.